

Da antropofagia à modernidade

REGINALDO MARINHO



No Brasil se pratica a antropofagia desde o período pré-cabralino, e o registro mais contundente desse costume são as pinturas de Eckhout, pintor holandês que aportou às costas nordestinas acompanhando o príncipe Maurício de Nassau.

A antropofagia, extinta na prática, ocupou o inconsciente de nossos compatriotas e foi assimilada pelo Estado — o mesmo Estado que dizimou os antropófagos. O ato de comer transformou-se em repressão, torturas e miséria, tornando bem visível o fosso que separa o Estado do cidadão.

O Movimento Modernista de 22, antropófago em sua própria definição, diz no verso modernista de Oswald de Andrade: "A massa ainda comerá o biscoito fino que fabrico". Daí para a frente, foi uma comilança geral, patrão comendo empregado, superior comendo subalterno e, depois de tanto come-e, nosso País começa a ensaiar os primeiros passos em direção à modernidade.

O governo Collor exercita, em apenas seis meses, os primeiros acor-

des de uma sinfonia que será ouvida pelos países do Primeiro Mundo. Os programas de alfabetização e cidadania e o de capacitação tecnológica já deram o tom da nova postura governamental e balizam o caminho de um Estado moderno, que vai ao encontro do cidadão, resgatando os princípios da cidadania e do bem comum. O Estado moderno precisa encontrar o caminho da parceria, do entendimento, e só assim, num gesto solidário, todos juntos participando, cada cidadão brasileiro colaborará na complexa tarefa de construir uma sociedade fraterna e desenvolvida, em que cada brasileiro tenha acesso às conquistas do mundo tecnológico.

O Brasil não poderá continuar sendo a oitava economia mundial, com quase nove milhões de quilômetros quadrados, com variedade e quantidade de minérios quase inesgotáveis, considerando-se o longo período de exploração desordenada e sem controle estatal, ao mesmo tempo em que convive com índices tão altos de analfabetismo, marginalidade e miséria. O sucesso desses programas não será de responsabilidade apenas do governo, mas de toda a sociedade, que decidirá o destino de nosso País e, com certeza, elevará o nível de convivência social de nossa população e irá incorporar ao mercado de trabalho uma massa considerável de subcidadãos margi-

nalizados pela fome e pela ignorância. A soma de todos esses vetores irá delinear o mercado interno brasileiro, que promete para um futuro próximo ser um dos maiores do mundo.

Sintonizado com essa política do futuro, me antecipei às duas ações governamentais. Desde maio encaminhei ao Ministério da Educação um projeto de alfabetização, que se encontra desde então, com o devido parecer técnico, na mesa do secretário-executivo do MEC, sem nenhuma resposta. A Cruzada Nacional de

O Brasil não pode continuar convivendo com analfabetismo e marginalidade

Alfabetização propõe a união de todas as forças vivas do País, da LBA às Forças Armadas, do empresariado às associações de moradores, da Fundação Roberto Marinho à Fundação Banco do Brasil, das Igrejas aos sindicatos. Não se dispensa a colaboração de ninguém. Cada brasileiro será convocado para um grande projeto de mobilização, envolvendo toda a mídia, que, com um marketing adequado, engajará todos os

segmentos da sociedade.

Meses depois, vejo o ministro da Educação na televisão, falando das mesmas propostas sugeridas no projeto que encaminhei. A singularidade e o ponto alto desse projeto é a apresentação, entre outras ideias, de uma lousa desmontável, especialmente desenvolvida para utilização em ambientes que possam ser usados como salas de aula alternativas.

No dia 23 de agosto, protocolei no Palácio do Planalto carta endereçada ao presidente Fernando Collor, na qual sugiro a reintrodução da Geometria Descritiva, disciplina que, além de promover e estimular o raciocínio espacial, é um dos suportes do desenho industrial para a criação de novos produtos, alimentando o desenvolvimento da indústria. Também aponto a necessidade de instalar escolas dessa matéria nos pólos metropolitanos brasileiros.

A hora é de apresentar ideias que possam se somar aos grandes projetos de que o País está necessitando. Como cidadão, fiz a minha parte e espero que outras pessoas também façam a sua. O Brasil precisa de ideias e de gente suficientemente apta a recebê-las e pô-las em prática. Como o presidente e a Nação estão necessitando tanto.

Reginaldo Marinho é empresário, desenhista industrial e professor de Geometria Descritiva